

ginosas teorias de justificação, mas, embora possam conseguir acesso ao combóio da moda, jamais compreenderão que não há história sem homem, não há homem sem interioridade, nem mundo sem mistério.

Do mesmo vício padecem todos aqueles enviados especiais e correspondentes dos grandes meios de comunicação de massas da aldeia global que continuam a olhar o Leste com as categorias ocidentais, onde a direita e os conservadores têm de ser os antigos comunistas, ao mesmo tempo que o espaço da esquerda e das reformas seria ocupado pelos que são adeptos de um ocidentalismo radicalmente capitalista e cosmopolitista, mesmo que as fileiras deste último sejam maioritariamente dominadas pelos antigos privilegiados da *nomenklatura*, agora transformados em homens de negócios, a nova máscara daquela bandocracia que reúne o pior do regime comunista com o pior do regime capitalista.

Só por dentro das coisas é que as coisas realmente são... Só juntando um pouco de lume da protecção ao lume da razão, como dizia o nosso Padre António Vieira, é que podemos compreender a queda do Império Soviético sem uma Terceira Guerra Mundial. Com efeito, em Soljenitsine, a alternativa à superação do comunismo não significa apenas a substituição de Marx e Lenine por certas vulgatas que se dizem filiadas em Adam Smith e pelos *Harvard boys*, à maneira de Egor Gaidar.

Mais do que isso: a adopção pela Rússia e pelos antigos países de Leste de uma *comunidade de destino* com a Europa ocidental e central, impõe que todos os europeus deixem de ser conservadores face àquele pensamento estratégico que, antes e depois da Guerra Fria, continua a não globalizar a Europa da *história comum*. Os mitos do desenvolvimento e do progresso, que vão impregnando a *história dos vencedores* têm, na verdade, impedido que certas culturas *vencidas da vida* da nossa

Europa possam participar na luta pela mesma vida com a autenticidade do direito à diferença. Estão nestas condições tanto os latinos e os povos de tradição católica, como os eslavos e os povos de tradição ortodoxa, afinal os mais directos herdeiros dos Impérios Romanos extintos em 476 e 1453.

Só podemos pedir à Rússia e aos antigos países de Leste que se religuem à Europa, se dermos à Europa uma dimensão onde possa caber a *diferença* eslava, ortodoxa e russa.

De outra maneira, haverá sempre uma tendência centrífuga russa, ortodoxa ou eslava, se o instinto profundo da legítima defesa daqueles povos desconfiar, por exemplo que certos interesses imediatos de alguns ocidentais preferem um confronto de Moscovo com Kiev ou de S. Petersburgo com os turcos. O futuro do sonho europeu continua dependente da maneira como forem resolvidos os problemas que deram origem às duas Guerras Mundiais deste século. □

Cultura, valores e ideologia

CASSIANO REIMÃO

A cultura constitui uma referência básica para o entendimento do social e do político. A realidade social está estruturada em dispositivos que constituem o campo em cujo seio se manifestam as interacções e os fenómenos, quer individuais, quer colectivos; esta estruturação manifesta-se em diversos níveis: o nível grupal, o nível institucional e o nível ambiental. Estes diversos níveis interpenetram-se e coexistem. Na sua base, situa-se a cultura que, não sendo uma realidade em si mesma, configura a realidade, tornando-a social, através de um conjunto complexo de factores, tais como as diversas aprendizagens respeitantes à maneira de ser social dos indivíduos e dos grupos, numa sociedade determinada.

Uma característica essencial da cultura é o facto de ser um fenómeno social, na medida em que integra comportamentos regidos por normas sociais; estes comportamentos são

participados pelos membros de um determinado grupo ou de uma determinada sociedade; o conteúdo cultural das formas de comunicação ou de crença reside no seu conhecimento, por parte de um conjunto social, como constituinte dos seus modos de agir. Por outro lado, o conceito de cultura inclui o conceito de modelo, na medida em que os comportamentos marcados pela cultura são comportamentos construídos em conformidade com um modelo mais ou menos flexível, mas reconhecido como normativo e eficaz na orientação das condutas.

A cultura desempenha as seguintes funções: 1. identifica os membros do grupo social através de formas comuns de pensar e de agir, conferindo-lhes uma identidade colectiva; 2. propõe, a uma determinada sociedade, modelos através dos quais são construídos os comportamentos; neste sentido a cultura desempenha um papel integrador e económico, sistematizando as condutas

sociais; 3. condiciona a formação da personalidade individual, imprimindo-lhe modos de comportamento, modelados pelos códigos sociais, num determinado universo cognitivo.

Uma cultura é fundamentalmente constituída por um conjunto de *valores* que actuam numa dada sociedade; estes manifestam-se, sobretudo, através dos papéis e dão origem a sanções.

O valor foi definido, quer como uma visão do mundo (Redfield, 1953), quer como sistema inconsciente dos nossos pensamentos (Sapir, 1949).

Kluckhohn (1951) apresenta uma definição de valor que integra o individual e o colectivo: "*Um valor é uma concepção explícita ou implícita do desejável, específica de um indivíduo ou característica de um grupo, orientando as modalidades e o sentido da sua acção*". Os valores são sistemas de avaliação social resultantes de uma interacção dinâmica entre o indivíduo e a sociedade, constituindo as normas culturais do juízo social. Os valores apresentam-se, em primeiro lugar, como um conjunto de ideais que servem de base a critérios de avaliação dos indivíduos, dos compor-

tamentos e dos objectos; organizam-se em torno de objectivos que ocupam um lugar central no sistema, ordenando-se hierarquicamente, a partir deles, os objectivos secundários, constituindo uma escala de valores.

Os valores, numa dada sociedade, não se encontram nunca isolados, nem simplesmente justapostos; têm entre si nexos complexos, estando articulados de um modo coerente, constituindo, no seu conjunto, aquilo a que se chama o *sistema de valores*. Na formalização da noção de valor estão presentes as concepções do homem e da natureza, as relações interpessoais e as relações estabelecidas entre o homem e a natureza.

A noção de valor associa-se a noção de *ideologia* como elemento basilar da cultura. A noção de ideologia foi elaborada por Marx que lhe atribuiu dois sentidos: o primeiro refere-se aos

sistemas de representação elaborados pela moral, pela religião e pela política, determinando a consciência que os indivíduos têm das coisas e da sociedade; o segundo sentido engloba um aspecto de um processo mais amplo que é o de alienação e que, por sua vez, faz intervir dois polos distintos: por um lado, as ideias da classe dominante que se convertem em ideias dominantes (neste sentido, a ideologia define a representação da classe dominante, de acordo com a sua posição e os interesses que impõe); por outro lado, é constituído pela classe dominada que sofre as ideias dominantes (não pode ter uma visão exacta da realidade, pois as relações sociais em que está inserida produzem uma concepção errónea da história humana).

Althusser (1973) situa o conceito marxista de ideologia na perspectiva de uma dinâmica subjectiva ao defini-la como "*uma representação da relação*

imaginária dos indivíduos com as suas condições reais de existência"; esta concepção da ideologia coloca o acento essencialmente na sua estrutura e no seu funcionamento: a ideologia constitui uma relação de representação, funcionando sobre bases materiais.

Na perspectiva das Ciências Sociais, a ideologia é considerada, globalmente, como um sistema de representações que, implicando valores, proporciona uma interpretação da realidade. Sendo assim, toda a ideologia, enquanto sistema de representações e de acções, remete explícita ou implicitamente, para uma ontologia. A ideologia designa toda a forma sistematizada de representações que proporciona uma explicação da realidade em geral e do funcionamento social em particular; é uma construção sociocognitiva que ministra um modelo de avaliação das situações e propõe, no contexto de uma dada sociedade, uma orientação coerente dos comportamentos individuais e colectivos. □

actividades

Ciclo de colóquios

Terá início a 3 de Março, no edifício da BUJPII o ciclo de Colóquios de Filosofia do semestre de Verão anunciado neste Boletim (página 16).

Com o ciclo pretende-se manter um diálogo criativo entre alunos, licenciados e docentes que contribua para criar quadros de referência no exercício da Filosofia na Universidade Católica Portuguesa.

Mestrados

Estão em organização no Departamento de Filosofia os Cursos de Mestrado 94-96 centrados na temática *Ética, Política, Religião. A Acção na Filosofia*.

Em prespecto anexo a este Boletim, solicita-se aos interessados que respondam a uma sondagem sobre as condições dos cursos de mestrados.

Educação Cívica

Na sequência do protocolo estabelecido entre a UCP e o Instituto de Defesa Nacional, está previsto para Abril-Maio 94 um curso de *Formação para a Cidadania*, destinado a professores profissionalizados do Ensino Secundário e com o objectivo de preparação para o programa de Educação Cívica. Informações a colher na Secretaria da Faculdade de Ciências Humanas.

Publicações

* António Campelo Amaral, levou a cabo a tradução do Livro V da *Política* de Aristóteles a ser publicada em edição interlinear. Foi acordado com uma editora a posterior tradução da totalidade da obra a efectuar pelo mesmo aluno e por Carlos Carvalho Gomes, de Linacre College, Oxford.